

A ALIENAÇÃO DA LINGUAGEM COTIDIANA E POLITICA EM *MANHÃ CINZENTA* DE OLNEY SÃO PAULO.

Valéria de Araújo Santos¹; Claudio Cledson Novaes².

1. Bolsista PROBIC, Graduanda em Letras Vernáculas, Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail: mana_valeri@yahoo.com.br
2. Claudio Cledson Novaes, Departamento de Letras e Artes, Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail: ccnovaes.uefs@gmail.com

PALAVRA-CHAVE: Linguagem da arte, cotidiano, alienação.

INTRODUÇÃO

Neste trabalho, analisamos como a linguagem da arte apropria-se das imagens do cotidiano, mas, ao mesmo tempo, afasta-se dele através de um processo paradoxal que, ao alienar-se do mundo imediato, simultaneamente aprofunda-se nas representações e desvela este cotidiano de forma mais profunda e desalienada. Por exemplo, baseado em pesquisas sobre o conceito do que é literatura o teórico Terry Engleton (2006) afirmou: “O discurso literário torna estranha, aliena a fala comum, ao fazê-lo, porém, paradoxalmente nos leva a vivenciar a experiência de maneira mais íntima mais intensa (p.6). Trata-se da representação alegórica das emoções e ações da vida cotidiana. O cinema também é permeado desse caráter subjetivo, mas nesse caso a dramaticidade é expressa também por meio das imagens. Tomamos como base a obra *Manhã Cinzenta* (1969) do escritor e cineasta baiano Olney São Paulo para analisar esse efeito que é obtido através da relação entre o texto do roteiro (conto) e o campo visual construído para esse roteiro. A importância dessa pesquisa está no levantamento da discussão do conceito de alienação da linguagem cotidiana e política na expressão artística da obra *Manhã Cinzenta*. E Sobre tudo a influência que essa expressão possui frente à sociedade, promovendo o desenvolvimento do senso crítico/consciente dos sujeitos. Discutiremos as estratégias políticas e suas consequências para a sociedade local e nacional, e simultaneamente resgataremos a imagem do escritor e cineasta baiano Olney São Paulo.

MATERIAL E MÉTODOS

Para facultar esse estudo, foi necessária a reunião de dados sobre o tema, como aspectos teóricos, literários e históricos além de leituras complementares. Pesquisas teóricas literárias e análise do conto e imagens de *Manhã Cinzenta* (1969) Olney São Paulo. Além de leituras sobre os fatores que influenciaram o autor nos aspectos críticos políticos, e filosóficos existências que permeiam a obra, como por exemplo, o romance *A Peste* (1947) de Albert Camus.

ANÁLISE E RESULTADOS

Na análise do texto e das imagens de *Manhã Cinzenta* é notável que a essência insensata da obra está no fato dela possuir um espírito mais Dionisíaco que Apolíneo, segundo o poeta e filósofo Nietzsche no livro *O nascimento da Tragédia* (1872), essas são as divindades tutelares dos seres e regem seus impulsos fundamentais. A exacerbação dos sentidos e o transe mítico do Dionisíaco opõem-se ao marasmo e normalidade da vida cotidiana apolínea. Esses aspectos podem ser identificados no romance *A peste* (1947), de Albert Camus, que fortemente influenciou Olney São Paulo

na criação de Manhã Cinzenta. A Peste é alegoria a todo regime totalitário, pode ser lido por uma óptica não só política mais também existencialista. Trata-se da pequena cidade de Oran na Argélia, onde os habitantes vivem mergulhados numa cautelosa rotina que anestesia não só suas ações mais também na capacidade de sentir, numa espécie de lobotomia coletiva. Os transtornos causados pela doença resgatam paradoxalmente os sentimentos paralisados pelo cotidiano, propiciando a redefinição de valores. A real convivência com a morte desperta a compaixão e a recuperação das relações humanas. Assim como em A Peste, Manhã Cinzenta aborda uma temática política e existencial de forma diferenciada, o habitual é substituído pelo estranho e alienante, propiciando o despertar da consciência dramática das pessoas, fato que incita a clarificação perceptiva e a redefinição de valores. O conto e filme Manhã Cinzenta é a alegoria de regimes autoritários e pode ser diretamente referenciado ao golpe militar e a ditadura brasileira. A obra é ambientada em um país fictício da América Latina, permeado de repressão e violência. Os habitantes em oposição às condições em que as autoridades os impõem, demonstram sua insatisfação através de protestos em busca da renovação de valores. Além da problemática política de evidencia crítica ao regime militar, a obra possui um tom existencialista, que é observado através da sua representação peculiar opondo-se ao cotidiano, apresentando personagens em ações perturbadoras, fora do comum, o que de fato impõe ao espectador uma maior atenção para o entendimento da problemática. A alienação nessa obra está na forma que Olney dispõe a relação entre o roteiro e o campo visual, os artifícios literários do conto são transferidos para o filme através da exploração ambiental em que ele é produzido. Por exemplo, tem-se a estranha cena em que a personagem Alda dança em meio ao escarcéu social. Esse comportamento pode ser explicado através do pensamento do filósofo e poeta Nietzsche que afirmou em ensaio: “Aqueles que foram vistos dançando foram julgados insanos por aqueles que não podiam escutar a música”. Tal comportamento da personagem na sua representação cinematográfica ganha como trilha sonora o rock and roll, que possui força alienante na sua dança de ritmo irregular do contratempo. Mas ao mesmo tempo em que possui como essência a insensatez, desde sua criação, o rock influenciou o estilo de vida, as atitudes e a linguagem da sociedade, ajudando a movimentos dos direitos civis mundialmente, uma atitude transviada, mas de incrível comoção.

CONCLUSÃO

Alegoria de regimes autoritários, Manhã Cinzenta fundamenta sua construção utilizando artifícios literários que imprimem a alienação necessária para sua contraposição da linguagem cotidiana. Influenciado pelo Romance a Peste de Camus, Olney elabora o texto e as imagens revelando a exacerbação das pulsões, paixões e loucura humana, reprimidas pelo cotidiano. Esse efeito causa estranheza, mas ao mesmo tempo incita a percepção frente aos acontecimentos. Para o filósofo pré-socrático Heráclito a natureza gosta de esconder-se, é preciso de um olhar mais atento para seu desvelamento. A linguagem artística é instrumento ou forma de desvelar, de conhecer estranhamente, e, portanto, mas claramente os acontecimentos que são velados pela linguagem cotidiana.

REFERÊNCIAS

- EAGLETON, Terry. *Teoria da Literatura: uma introdução*. Tradução. Waltenir Dutra. 2ª edição. São Paulo, 2006.
- GARCÍA-ROZA, Luiz Alfredo. **Palavra e Verdade na Filosofia Antiga e na Psicanálise**. 4.ed.Ri.
- SÃO PAULO, Olney. **A Antevéspera e o Canto do Sol – Contos e Novelas**. Rio de Janeiro: José Álvaro Editor, 1969.
- STERN, J. P. (Joseph Peter). **As ideias de Nietzsche**. Sao Paulo: Cultrix, 1982.
- [http:// www.pt.wikipedia.org](http://www.pt.wikipedia.org).
- <http://www.youtube.com.br>. Café filosófico (Nietzsche).
- <http://clayton-melo.blogspot.com/2006/12/uma-leitura-de-pestes-de-albert-camus.html>.
- http://www.vidaslusofonas.pt/albert_camus.htm.
- Manhã cinzenta** (1969), Olney São Paulo. 35 mm, p&b, 21 minutos, roteiro, direção e produção. Câmera de José Carlos Avellar.